

A SEMANA

na África

Clipping sobre PALOP e África Austral

07 a 13 de outubro nº 09

SAVIMBI QUE REVER INVESTIMENTO ESTRANGEIRO (Angola)

A UNITA quer rever todo o investimento estrangeiro efetuado em Angola. O assunto está a ser encarado com preocupação pelos meios empresariais já estabelecidos em Angola, uma vez que, desde os títulos de propriedade de instalações industriais já recuperadas, até à legislação dos solos e a fiscal , tudo pode ser questionado.

Segundo a missão da AIP (Associação Industrial Portuguesa) que está em Luanda, "não está em causa a continuidade do investimento português em Angola, mas é certo que tudo terá de ser analisado com muito cuidado". A missão da AIP ficou impressionada com a qualidade e competência dos quadros superiores do MPLA "que não esconderam a inevitabilidade de, a curto prazo, começarem a surgir no país problemas de ordem cambial, podendo ocorrer em outubro uma desvalorização da moeda"

Um guia para investir em Angola. A missão da AIP identificou "a clara preferência dos consumidores dos PALOP por produtos portugueses e o conhecimento direto ou indireto [que Portugal tem] desses mercados." E acrescentou: "O mercado angolano pode constituir a primeira porta para a desejável internacionalização da atividade das pequenas e médias empresas portuguesas".

(p.14)

EUA PODERÁ RETIRAR ANGOLA DA LISTA DE PAÍSES MARXISTAS

Na entrevista que terá com Bush, na sua visita aos EUA, Savimbi pedirá a retirada de Angola dessa lista, desde que tenha garantias de que os empresários americanos "não darão dinheiro ao governo do MPLA".

Contudo, a Casa Branca já esclareceu que tal retirada não será feita "até às realizações de eleições livres e justas." Quando Angola for retirada da lista de países marxistas, o Eximbank norte-americano poderá financiar investimentos de empresas dos EUA em Angola (p.24).

O discurso de Savimbi, em início de campanha eleitoral, deixa algumas dúvidas, mais no plano internacional que doméstico. Perante as massas, ele apresenta uma postura jacobina e populista, oferecendo bem estar imediato e apelando para um nacionalismo rasteiro. Para as elites angolanas e meios internacionais, ele tem um posicionamento moderado.

O seu apelo aos capitais angolanos não encontra suficiente respaldo na realidade de um país exaurido. Perante o brado de não pagar aos cooperantes estrangeiros mais que aos técnicos angolanos, um diplomata ocidental manifestou a dúvida de que um cooperante se disponha a sair do seu país e a ficar longe da família para ganhar o mesmo magro salário dos angolanos.

Ao apostar na desagregação do governo do MPLA, nas greves que se multiplicam e na insegurança crescente, a UNITA corre o risco de contribuir para a instalação do caos, e não para a realização de eleições.

A UNITA parece sincera quando repele as acusações de tribalismo vindas do MPLA, mas os mestiços e os brancos não são visíveis nos seus comícios.

(p. 13)

NARDINE GORDIMER: O NOBEL DO ANC

(África do Sul)

A RESSUREIÇÃO AFRICANA.

Sul-africana branca, de origem judaica, nascida em 1923, Nadine Gordimer traz para a África, pela terceira vez em seis anos, o prêmio Nobel da Literatura. Em 1986, o laureado foi o nigeriano Wole Soyinka, e em 1988, o egípcio Naguib Mahfouz.

A literatura de Nadine tem como fulcro as relações entre brancos e negros: "a vida na África do Sul é tão pesada que um escritor não pode alhear-se dela". E acrescenta: "Na África do Sul, a sociedade é o sistema político".

Numa entrevista a uma rádio francesa, Nadine afirmou que pedirá ao governo francês para continuar pressionando Pretória. "Estão enganados os que pensam que já não existe o apartheid na África do Sul", acrescentou.

Nadine Gordimer filiou-se ao ANC (Congresso Nacional Africano) em 1990 (pp. 34 e 35).

ENCONTRO NO BRASIL. LITERATURA DE PALOP

GERA UMA INSTITUIÇÃO (PALOP)

A criação de uma Associação Brasileira de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa foi um dos principais resultados do encontro do docentes da matéria realizado de 2 a 5 de outubro na UFF. O encontro teve a participação de seis escritores angolanos e de professores de 22 universidades do Brasil, Portugal e França.

O escritor Manuel Rui Monteiro manifestou a sua admiração pelo nível de estudo dessa matéria no Brasil, país onde circulam edições de livros dos PALOP e cuja divulgação se baseia "em expedientes voluntaristas" como a importação de exemplares através de amigos" [A editora brasileira Ática já publicou cerca de uma dezena de autores dos PALOP, mas a distribuição e o interesse do público são precários].

Os organizadores do evento lamentam que as literaturas africanas de língua portuguesa ainda continuem como um apêndice da disciplina de Língua e Literatura Portuguesa.

[Não encontramos notícia desse evento na grande imprensa brasileira; a matéria foi tratada por dois jornais portugueses. Os escritores angolanos tiveram uma sessão de trabalho no CEAA.] (p.04).

O GALO VOA BAIXO NOS GABINETES (Angola)

Não aceitando ser recebido pelo presidente da república juntamente com lideranças dos outros partidos emergentes angolanos, Savimbi teve uma audiência especial com Eduardo dos Santos, considerada por ambos como positiva.

A reivindicação para a UNITA de um estatuto especial na política angolana causou protestos dos outros partidos. O dirigente do Partido Democrático Angolano acusou Savimbi de ter feito "um discurso demagógico", e a propósito do slogan da UNITA, "o galo [símbolo do partido]voa", recordou que esse animal "quando muito esvoaça."

Savimbi responde que a UNITA é um partido antigo. Está implantado em todo o país, logo o governo não pode tratar a UNITA da mesma maneira que trata os outros partidos." Não aceitamos. Nós somos combatentes." (pp.17 e 25).

PETRÓLEO, DIAMANTES E PESCAS FAZEM DE ANGOLA UM PAÍS RICO

Análise retrospectiva da situação econômica de Angola, desde o seu período pré-independência até o momento atual. Com realce para a aplicação dos planos econômicos propostos pelo FMI. Já é possível notar-se sinais de dinamização da economia, que começa a atrair os investidores internacionais.

O maior destaque na economia angolana vai para o petróleo, onde os maiores sócios da estatal Sonangol são os americanos da Chevron. [A produção atual anda à volta de 450 mil barris/dia, e representa mais de 90% das receitas de exportação.].

A importância da recuperação diamantífera angolana que atinge 1,2 bilhões de carats [ainda cerca de metade do período pré-independência] está na atual queda da produção da África do Sul e da Namíbia. A pesca [mesmo que não atinja já a produção dos anos 70] é o terceiro setor em importância na geração de divisas (p.18).

"JÁ PRIVATIZAMOS MAIS DE 120 EMPRESAS" (Moçambique)

Com uma economia baseada na agricultura (setor gerador de 50% do PIB, e que absorve 85% da população), Moçambique prossegue aplicando políticas de estabilização contra a inflação, reorientando a função econômica do Estado, ao procurar dinamizar as forças de mercado (já foram privatizadas mais de 120 empresas). Objetivo: atrair o investimento direto estrangeiro.

Segundo Adriano Maleiane, governador do Banco de Moçambique, apesar da necessidade do reescalonamento da dívida externa, ocorre grande diversificação de investidores (os americanos, ingleses, portugueses, italianos, alemães estão entre os primeiros) nos setores da agricultura, indústria e turismo. Portanto, apesar dos problemas existentes na educação, saúde e na falta de quadros, existem potencialidades. Mas, tudo está condicionado, segundo Ma-

leiane, pelo processo de guerra, o que torna mais urgente que se ultrapasse os impasses que retardam a paz moçambicana. (p. 28)

À PÁGINA NÃO ESCRITA

Resenha do livro "The African Experience", de Roland Oliver (co-editor, com J.D. Fage, da "Cambridge History of Africa"). Constatando a dificuldade de uma produção historiográfica sobre a África, o resenhista do "The Economist" menciona em seguida os desafios enfrentados hoje pelo continente, desafios de ordem demográfica e social, e refere a dificuldade da transição do "estatismo" anteriormente dominante ao "ajustamento estrutural" preconizado pelas agências de cooperação e bancos multilaterais, destacando que o futuro da África depende dos próprios africanos, como bem sabe o professor Oliver. (p. 05)

CENÁRIOS PORTUGUESES E PROTAGONISTAS AFRICANOS (PALOP)

Durante o 21º Seminário Internacional para Banqueiros Estangeiros, promovido pelo BPA (Banco Português do Atlântico) — ocasião onde confirmaram-se os indicadores positivos alcançados pela economia portuguesa nos últimos cinco anos —, foram renovadas as perspectivas que se abrem para os PALOP. De imediato, está em fase de elaboração a Associação Pró-África (criada pelo BPA), visando criar um programa ao estilo do JEEP (Jovens Empresários de Elevado Potencial). Em Moçambique, está criada a Associação dos Jovens Empresários Moçambicanos, que coopera com a sua congênera portuguesa. (p. 02).

UM BRAÇO DE FERRO (Angola)

A UNITA teria recebido a primeira resposta governamental ao seu reclame de um estatuto de mais alto nível diante dos demais movimentos opositores (FNLA e FDA) ao MPLA. Em 2 de outubro, o presidente José Eduardo dos Santos recebeu em Luanda os líderes da UNITA, Jonas Savimbi, da FNLA, Holden Roberto, e do Fórum Democrático Angolano (FDA), Jorge Chikoti. Savimbi — que pela primeira vez, desde os acordos de paz em Lisboa foi recebido pelo presidente angolano —, fora o último a ser recebido.

As três audiências enquadram-se no programa de consultas visando preparar o calendário do processo eleitoral, cujas primeiras eleições multipartidárias estão previstas para setembro e novembro de 1992. (p.07).

A EXPERIÊNCIA AFRICANA DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL DE AVEIRO (Angola)

Um grupo de 26 pequenas e médias empresas da Associação Industrial do Distrito de Aveiro foi a Angola — e já planeja uma missão a Moçambique —, com o objetivo de identificar oportunidades de investimentos, incrementar trocas comerciais, analisar a situação econômica angolana e estreitar as relações. Defenderam a posição que Portugal deveria reforçar as linhas de crédito para os PALOP, especialmente para Angola. (p. 11)

CRISE NO ZAIRE MANCHA IMAGEM DE ÁFRICA (Angola)

Esta é a posição de Aldemiro Vaz da Conceição, vice-ministro de Informação de Angola. Na verdade, nesta matéria, o mesmo se estende sobre várias questões referentes aos meios de comunicação, a cooperação de Angola com Portugal (que terá sempre um papel destacado, não só pelos laços históricos, mas devido os portugueses conhecerem e se adaptarem facilmente ao país) e o

Mas, foram os processos de paz e políticos angolanos que mais o entusiasmou. Sobre o MPLA, afirma ser o partido que apresenta maior base social e territorial, além de, desde a origem, ter se preocupado em afastar-se de qualquer vínculo tribal, regional e racial. Criado em Luanda, o MPLA, oriundo de um grupo de intelectuais sem qualquer tipo de preconceito, estendeu-se às áreas rurais com a guerra de libertação iniciada em 1961. Já a UNITA (composta de pessoas oriundas da região de Andulo, no planalto central, província de Bié) e a FNLA (que se apóia essencialmente nos quicongos), são organizações de caráter étnico-regional.

Ressalta ainda Vaz da Conceição que o MPLA concentra outras vantagens comparativas. Além de ser uma organização acentuadamente nacional, tem experiência governativa e conta com uma grande riqueza de quadros. Estes fatores fazem com que o vice-ministro de Informação se apresente muito otimista quanto ao futuro do MPLA e de Angola. (p.12)

ANGOLA: TERMINOU A PRIMEIRA FASE

encontro entre J. Savimbi e J. E. dos Santos marcou o fim da 1ª fase do processo de normalização da vida política angolana, sendo improvável um "regresso às armas", mas sendo necessário ainda definir o papel a ser atribuído à Sociedade Civil. Em Luanda, Savimbi foi recebido por 75.000 pessoas, naturalmente menos que as 250.000 que receberam o presidente dos Santos após a assinatura do acordo do Estoril. Savimbi fez um discurso de "grande vigor", sem explicitar, contudo, quais as mudanças que pretende implementar na esfera econômica. (p.15).

GOVERNO ANGOLANO ANALISA LEI ELEITORAL

O Conselho de Ministros angolano vai apreciar a lei eleitoral e a redução do orçamento geral do Estado (possível com o fim da guerra) e depois remeter o pacote à Comissão Permanente da Assembléia do Povo.

É de supor-se que não haverá coincidência de datas entre as eleições presidenciais e as legislativas previstas para o próximo ano. (p. 16)

BANCOS ESTRANGEIROS AINDA ESTE ANO ANGOLA DEVOLVE EMPRESAS

O Vice-Governador do Banco Nacional de Angola, Generoso de Almeida, afirma que o Banco Central está inserido na política de reformas preconizadas pelo programa de ação do Governo angolano. As reformas do sistema monetário e financeiro avançam rapidamente e a chegada dos bancos privados de capitais estrangeiros depende apenas da legislação referente à constituição e participação dos bancos estrangeiros, que será publicada até dezembro. Os bancos portugueses começam a abrir escritórios de representação em Angola a espera da legislação.

Generoso de Almeida afirma também que o governo angolano está estudando a hipótese de devolução das empresas aos seus antigos proprietários desde que se reinvesta nas empresas nacionalizadas. (pp. 19 e 21)

EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DEIXARAM DE CRESCER (Angola)

No mês de novembro realizar-se-á, em Luanda, mais uma edição da FILDA, a fei

ra internacional da capital de Angola. O interesse dos empresários portugueses é crescente, posto que depois de terem aumentado em 12 bilhões de escudos em 1988, 24 bilhões em 1989 e 7 bilhões em 1990, as exportações portuguesas para Angola deixaram de crescer este ano.

Angola é o maior cliente africano de Portugal. A estrutura das exportações portuguesas para Angola são de caráter normal para um país pouco industrializado, com grande destaque para as máquinas e equipamentos mecânicos. Entre os produtos alimentares o óleo de soja possui o maior destaque, estando em segundo lugar no valor das exportações portuguesas para Angola.

A matéria possui um quadro com a relação das exportações portuguesas para Angola, em milhares de escudo. [um dólar vale cerca de 145 escudos]. (p. 20)

ESTA NO TURISMO ANGOLANO

A ESTA - Gestão de Hotéis S.A.—começou a gerir no mês de setembro mais duas unidades hoteleiras na cidade de Luanda. Trata-se do Hotel Império e do Hotel das Forças Armadas. Entretanto, estas unidades estão à disposição dos elementos que integram a Comissão Conjunta Político-Militar (CCPM), portanto fora dos circuitos de comercialização. A ESTA possui também a gestão dos Hotéis Tivoli e Mundial, em Luanda, além do complexo hoteleiro da Sonangol. A ambição da empresa é consolidar-se em todos os PALOP. (p.22).

ANGOLANOS SÃO DEZ MILHÕES

Angola atingirá este ano os dez milhões de habitantes, 60% dos quais vivendo nos grandes centros urbanos, revela um estudo do Instituto Nacional de Estatística (INE). O grupo etário mais numeroso em Angola é o das crianças com menos de 14 anos de idade, cerca de 2 milhões, seguido pelo grupo com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, com mais de 1 milhão. (p. 25)

SAVIMBI MUDA DE TOM (Angola)

Tomas Savimbi participou da sessão extraordinária da Comissão Conjunta Político-Militar (CCPM), em 01/10, usando um tom que destoou do utilizado durante o seu comício em Luanda, que inquieta alguns setores políticos.

Savimbi declarou que não tinha "nem a intenção nem o interesse" de repetir a crise que opôs, recentemente, a UNITA ao governo, e apelou à comunidade internacional para ajudar a resolver o problema logístico relativo ao acantonamento das tropas da UNITA e do governo. Acrescentou também a necessidade de extinção das hostilidades entre as rádios da UNITA e do MPLA. (p.25).

CABO VERDE: IGREJA QUER FIM DO ESTADO LAICO

Cabo Verde, o país africano culturalmente mais próximo do Ocidente, pode regressar politicamente ao período anterior à Revolução Francesa. A Igreja Católica cabo-verdiana — possuidora de diminuto clero, mas com uma hegemonia espiritual sobre 99% da população —, parece estar exigindo sua contraparte ao apoio nas eleições de janeiro. O presidente, Antônio Mascaranhas Monteiro, e o primeiro-ministro, Carlos Veiga, estão diante de exigências extremas como: o término do Estado laico, com Deus figurando no preâmbulo da futura Constituição como "Supremo Legislador", abolição de toda e qualquer imunidade, proibição do divórcio e do aborto, etc.

Muitos dirigentes nacionalistas (e marxistas) são filhos de católicos, mas, com certeza, exigências tão extremas produzirão intensos debates e algumas divisões. (p.26)

**GUINÉ-BISSAU PREPARA MUDANÇA
PARTIDOS LEGALIZAM-SE NA GUINÉ-BISSAU
LIBERDADES NA GUINÉ-BISSAU**

Foi aprovado pelo Parlamento guineense o chamado "pacote de leis", alterando a legislação sobre informação, o que, somado à alteração da lei-quadro sobre os partidos, completa o quadro jurídico para a instalação de um regime multipartidário. A oposição, que presentemente estrutura-se em torno da Frente Democrata Social, liderada pelo "histórico" Rafael Barbosa, e da Frente Democrática, liderada por Aristide Meneses, queixa-se ainda, de restrições que o regime de Nino Vieira impõe às suas atividades. (p. 27)

O MASSACRE DOS NINJAS (Moçambique)

"BP em cima", este é o grito de guerra contra os ninjas (terminologia retirada dos filmes orientais), mas que, em Moçambique, é sinônimo de ladrão, bandido, salteador e assassino.

Em Maputo, o povo, cansado de tanta insegurança, e confrontado com a ineficácia da polícia, começa a reagir com grande violência queimando os ninjas capturados.

As causas do fenômeno estariam no desemprego em Maputo. Há pouco, em consequência da reunificação das Alemanhas, chegaram mais de 10 mil trabalhadores da ex-RDA, alimentando, os índices em Maputo de mais pessoas sem trabalho e sem meios de subsistência, ou absorvidas no subemprego. A própria polícia, também vítima dos baixos salários, além da ineficiência, torna-se presa fácil do suborno. (p. 29)

**RENAMO E MAPUTO RETOMAM DIÁLOGO (Moçambique)
SANTO EGÍDIO À ESPERA DE PAZ**

Estava prevista para o dia 07/10 a reabertura das negociações entre a Renamo e o governo moçambicano, mediadas pelo governo italiano, pela Comunidade Católica de Santo Egídio e o arcebispo da Beira. O representante italiano nas negociações, deputado Mario Raffaelli, considera serem díspares as pretensões das partes acerca de um ponto fundamental, o cessar-fogo; a Renamo pensa que deve ser ele o momento final, o governo defende que seja o elemento prioritário. A chegada do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha a Maputo confirma o interesse deste país por Moçambique, prevendo-se a ampliação da cooperação para depois da assinatura de paz. (p. 32)

**OS GOLOS DE MANDELA (África do Sul)
IMPOSTO DO "APARTHEID"**

Há dois anos da data prevista para as eleições, a campanha eleitoral do ANC já teve início. Nelson Mandela, demonstrando grande habilidade, colocou seu movimento à frente da constestação ao novo imposto (o IVA), e apoiou publicamente a reintegração da África do Sul aos circuitos internacionais de críquete e rugby.

A primeira medida tem forte ressonância entre a população negra e a segunda visa captar simpatias entre o eleitorado branco (hostil em grande parte ao ANC), devido à popularidade destes esportes entre os boeres. (p. 33)

ÍNDICE

ÁFRICA GERAL/PALOP01-06
ANGOLA07-25
CABO-VERDE26
GUINÉ-BISSAU27
MOÇAMBIQUE28-32
ÁFRICA DO SUL33-35

Cooperação e Integração em África

António Silva*

UM POUCO por toda a parte assiste-se hoje à procura de propostas de soluções que permitam ultrapassar as limitações e insuficiências do estado-nação, seja no campo político, seja o campo económico.

É assim na Europa dos Doze com a próxima criação do Mercado Único, é assim na América do Norte com a proposta da criação de uma zona de comércio livre, integrando os Estados Unidos, Canadá e México, ou ainda na América do Sul com a recente criação do Mercosur, que associa a Argentina, Brasil e Uruguai.

Num mundo cada vez mais global e interdependente, as transformações registadas num país ou num continente acabam por ter mais ou menos repercussões nos restantes. Daí que face à evolução da Europa comunitária e da Europa do Leste os governantes dos países africanos sejam levados a reflectir sobre as implicações dessa evolução e a perspectivar novas soluções para a crise económica, política e social — que a grande maioria delas atravessa. Não admira pois que na recente cimeira da OUA (Organização da Unidade

Africana) que teve lugar em Abudja, na Nigéria, os chefes de Estado africanos tenham decidido avançar na criação de um mercado comum ou comunidade económica dos estados da África. O objectivo é, numa primeira instância criar um mercado comum que poderá, posteriormente, evoluir para formas mais elaboradas de cooperação económica e mesmo política.

Aliás a questão da cooperação e integração regionais em África não é nova. Ao longo de 30 anos de independência foram inúmeras as experiências neste campo. Actualmente, contam-se em África cerca de 200 organizações de cooperação regional nos mais diversos sectores. A todas estas iniciativas presidiu a vontade política dos dirigentes africanos que com mais ou menos convicção viam na cooperação a interiorização regional, um investimento do desenvolvimento económico.

Vontade política que teve a sua expressão maior no plano da acção de Lagos, aprovado em 1980, e que se propunha construir um quadro conceptual e programático para a cooperação e integração regionais na África subsariana. Assim, deviam criar-se três grandes sub-regiões: a África do Norte, a

África Central e a África do Leste e Austral. Para cada uma estabelecia-se um esquema com objectivos e calendários específicos, mas que previa a passagem por três fases da cooperação regional: a criação de uma zona de comércio livre, a união aduaneira e a comunidade económica.

Dez anos depois verifica-se que a vontade política não foi suficiente para pôr em prática as medidas propostas. O continente africano, em especial a África subsariana, está hoje mais pobre do que estava há dez ou vinte anos.

São africanos os países mais pobres do mundo e é em África, na África subsariana, que se registam as mais elevadas taxas de analfabetismo, de mortalidade infantil, de subnutrição e de fome.

Para este falhanço contribuíram muitos e variados factores, uns externos, como a depreciação das matérias-primas ou a recessão nas economias dos países desenvolvidos; outros internos como os desequilíbrios estruturais, a debilidade dos mercados internos ou a incipiência das infra-estruturas essenciais no domínio dos transportes, da energia e comunicação, mas, sobretudo, foi a incapacidade política de grande número de diri-

gentes africanos, para mobilizar e dinamizar as populações, as sociedades civis respectivas, para projectos de cooperação regional que, necessariamente, trazem custos a curto e médio prazos e que terão de apontar para objectivos claros e exequíveis.

A África das regiões

Hoje, é claramente assumido este falhanço assim como a necessidade de o ultrapassar neste quadro que a integração regional aparece, cada vez mais, como um instrumento do desenvolvimento em África.

A África do futuro será a África das regiões ou não. E terá de ser partir das experiências do passado, da sua correcção e aperfeiçoamento, que se partirá para a criação de zonas de integração regional eficazes e instrumentalmente úteis para o desenvolvimento dos países africanos.

Entre essas experiências cabe destacar:

A CEDEAO — Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental — que agrupa 16 estados da África Ocidental — da Mauritânia à Nigéria e incluindo Cabo Verde e a Guiné Bissau.

Até hoje os avanços na integração desta região são limitados. Os obstáculos tarifários e não tarifários não foram, praticamente reduzidos a trocas inter-regionais

maném-se ao nível do início da década de 70, ou seja, apenas a 3% das trocas são feitas entre os países membros. A mobilidade da mão-de-obra, os movimentos de capitais e a diversificação das exportações são reduzidos ou nulos.

A CEAC — Comunidade Económica dos Estados da África Central — que inclui S. Tomé e Príncipe, é outra experiência cujos resultados estão longe dos objectivos inicialmente propostos. Também aqui as trocas inter-regionais diminuíram e o processo de integração tem sido ainda mais lento que na CEDEAO, por exemplo.

A DTA — Zona de trocas preferenciais para os estados da África do Leste e da África Austral — que agrupa 19 estados entre os quais Angola e Moçambique, visa promover as trocas regionais reduzindo as barreiras tarifárias e não tarifárias e sobretudo dando tratamento preferencial a determinados produtos. Também aqui os resultados são por ora reduzidos.

A SADCC — Conferência para a Coordenação do Desenvolvimento na África Austral — criada em 1980 pelos chamados «Países da Linha da Frente» e o então independente Zimbábue, tinha por objectivo diminuir a dependência económica dos

países membros em relação à África do Sul. Característica importante é a sua «informalidade» ou seja cada país membro é responsável por um sector da actividade não havendo uma organização burocrática e centralizadora. Por outro lado, a SADCC constituiu-se em interlocutor credível e eficaz para a comunidade internacional tendo obtido avultados recursos financeiros para projectos de âmbito regional. No entanto, a evolução interna na África do Sul (na recente cimeira da SADCC), foi feito um apelo à África do Sul para acelerar as reformas políticas internas e integrar a SADCC como membro de pleno direito e a articulação com a DTA levará necessariamente a um redimensionar desta experiência de cooperação regional.

Estas quatro experiências de cooperação e integração regionais em África, aqui apenas enunciadas, são exemplos a ter em conta na construção da África das regiões. Dos seus falhanços e sucessos, dos seus objectivos ambiciosos e fracos resulta-

dos alcançados, tiram hoje os ensinamentos necessários e possíveis, todos aqueles que, sobretudo em África, buscam soluções para o futuro.

Soluções que passam por uma abordagem de pequenos passos como ficou claro quando da reunião de Maastricht na Holanda em Julho do ano passado.

Governantes de países do Norte e de países africanos debateram o futuro das privações entre os dois blocos procurando chegar a propostas concretas e exequíveis. Ai se reafirmou que o desenvolvimento requer, impõe, um grau mais elevado de integração e cooperação regional em África mas que os objectivos e as medidas a propor teriam que ser graduais e realistas. Assim, deviam estabelecer-se programas de cooperação regional no domínio alimentar, liberalizando o comércio dos produtos agrícolas em África. Em seguida, avançar-se-ia para a liberalização das trocas de outros produtos e bens com os objectivos de racionalizar as actividades económicas existentes e facilitar a emergência de industriais integradas. Esta liberalização seria apoiada pela comunidade internacional através de programas de justamento, créditos à exportação e acordos de pagamentos a ser consolidados num fundo para a integração africana. Outra medida importante refere-se à liberalização das importações — bens, equipamentos e serviços — necessários aos sectores de exportação não tradicionais. Esta medida, indispensável para o relançamento das economias africanas, seria apoiada por fundos de diversificação.

Finalmente, é sugerida a racionalização das organizações regionais existentes que hoje constituem, maioritariamente, centros de burocracia lenta e ineficaz.

Poderá afirmar-se que apesar de tudo se trata de um programa ambicioso. No entanto, se se tiver em conta que se trata de medidas elaboradas a partir da experiência concreta dos países africanos e que por outro lado a integração e cooperação regionais são condições «sine qua non» do desenvolvimento africano terá de concluir-se que se trata de um programa mínimo para responder às necessidades actuais dos países africanos.

Cabe agora aos dirigentes políticos destes países, às sociedades civis na sua riqueza e diversidade, transformar aquilo que apenas tem sido vontade política em projecto mobilizador e de concretização possível.

Cenários portugueses e protagonismos africanos

Os indicadores da economia portuguesa e o apoio aos PALOP foram os temas que maior atenção mereceram dos participantes no 21.º Seminário Internacional para Banqueiros Estrangeiros, promovido pelo BPA

MIGUEL BELEZA fez o discurso de abertura destacando a boa performance da economia portuguesa nos últimos cinco anos, por contraste com a situação aterradora que se viveu no primeiro quinquénio de 80.

O crescimento económico, as taxas de evolução do investimento, a recuperação do défice da balança de transacções correntes, tudo serviu para mostrar o bom serviço prestado ao país pelo actual Executivo. Pelo meio apenas o reconhecimento de um "senão": a taxa de inflação não há meio de respeitar os objectivos governamentais.

Assim, em termos da taxa de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), «foi de 6 por cento ao ano, em média, entre 1986 e 1990», disse Miguel Beleza, que justificou este valor pelo «comportamento do investimento e das exportações, que aumentaram no mesmo período a taxas superiores a 11 por cento ao ano».

No domínio das nossas contas com o exterior, também aqui o actual ministro das Finanças traçou um quadro risonho, uma vez que «a balança de transacções correntes passou de um défice médio que correspondia a 6,9 por cento do PIB, entre 1981 e 1985, para nos cinco anos seguintes passar a um saldo positivo que representava, em média, 0,3 por cento» do mesmo indicador macroeconómico.

Emprego: "ex-libris" do Governo

A imagem de marca do sucesso do actual Executivo parece ser a cada vez menor taxa de desemprego. Se uma taxa de 4,7 por cento de desemprego já fazia inveja às autoridades governamentais dos países de origem dos banqueiros presentes, Miguel Beleza não quis deixar de surpreender. Assim, esta taxa evoluiu ainda mais favoravelmente durante o corrente ano, sendo no final do primeiro semestre de 1991, de 4,2 por cento. Melhor que isto só no Luxemburgo!

«Estamos assim numa situação de "pleno emprego"

técnico», disse enfaticamente Beleza, que não se esqueceu de referir que «a taxa de desemprego em 1986 era de 8,6 por cento».

O pagamento antecipado da dívida foi possível - e constituiu mais uma das virtudes do Ministério de Cavaco Silva - pela entrada de capitais não relacionados com essa mesma dívida e pela já referida evolução ao nível da balança de transacções correntes. O facto de as nossas reservas em divisas ultrapassarem a nossa dívida externa actual, decorrente dos dois aspectos anteriores, foi também destacado.

Inflação: a nódoa negra

A pressão do consumo interno é que veio lançar a nódoa neste quadro idílico. A inflação, depois de ter evoluído de acordo com as intenções das autoridades, voltou ao vício antigo de assumir valores fora dos interesses nacionais. As várias metas para o valor deste indicador nunca foram atingidas nos últimos dois/três anos e, em 1991, a meta dos 11 por cento para a taxa de inflação está mais uma vez longe de ser alcançada. Doze por cento segundo uns, ou 12,6 por cento segundo os menos optimistas, serão valores mais razoáveis para este indicador no corrente ano.

Previsões, Miguel Beleza não fez. «Ao próximo responsável pela pasta das Finanças caberá definir as novas linhas de orientação estratégica e, portanto, estabelecer metas e fazer previsões» - disse.

Miguel Beleza procedeu à apresentação destes números na cerimónia de abertura do 21.º seminário para banqueiros estrangeiros promovido pelo BPA e após o discurso de abertura de João Oliveira, presidente da instituição.

O tema do ministro serviu de base ao painel que se lhe seguiu e que seria moderado por Ernâni Lopes e contava com as participações de Victor Constâncio e Vasco d'Orey.

Qualquer dos três assumiria uma postura menos optimista que Miguel Beleza. No futuro que esteve em causa durante este período foi uma «conjuntura particularmente favorável à economia portuguesa, a que não foram estranhos os fundos comunitários, o investimento estrangeiro, e a evolução favorável dos termos de troca».

O investimento estrangeiro foi o tema do segundo painel, que contava com a moderação de Rui Machete, da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. Henry Wallace, da Ford Motor (que destacaria as virtudes do investimento da Ford/VW) e Harri Butch, da Neste Química Comercial, foram os participantes do painel, que destacou as virtudes e potencialidades geradas pelo investimento estrangeiro em Portugal, recorrendo-se de dois casos concretos: o da Ford/VW e o da Neste.

Apoio aos PALOP

Durão Barroso falaria sobre a situação actual e as perspectivas que se abrem para os PALOP actualmente. Com um discurso eminentemente político, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, destacaria o papel desempenhado por Portugal em todo o processo de paz para Angola e demais países africanos de língua oficial portuguesa.

O Governador do Banco de Moçambique, Adriano Maleiane, e o Vice-Governador do Banco Nacional de Angola foram os oradores de maior destaque do painel subsequente.

A necessidade de um apoio mais consistente aos PALOP foi a conclusão objectiva do painel. O representante do Berliner Handels-und Frakfurter Bank, Oliver Dresler, faria mesmo uma sugestão à generalidade da banca presente, no sentido de seguirem uma intenção do seu banco no sentido de proporcionar formação a quadros bancários de ambos os países. Esta proposta viria a ser acolhida com fortes aplausos.

Entretanto, o apoio a estes dois países conhece já um forte impulso no nosso país, com várias instituições bancárias nacionais a fornecerem formação a quadros bancários dos PALOP. Este apoio passa quer pela vinda até Portugal de quadros daqueles países, quer pelo envio de formadores aos PALOP.

Associação Pró-África

Criada pelo Banco Português do Atlântico mas ainda em fase de elaboração dos estatutos, está a Associação Pró-África.

A primeira tarefa desta associação será criar nestes países um programa ao estilo do programa JEEP - Jovens Empresários de Elevado Potencial. O programa, dadas as limitações destes países, poder-se-ia chamar de NEEP - Novos Empresários de Elevado Potencial, e em que quer o limite de idade para candidatura é alargado, quer as condições complementares serão menos exigentes que entre nós.

Em Moçambique está criada a Associação dos Jovens Empresários Moçambicanos, que coopera com a sua congénere portuguesa.

Na Associação Pró-África, estão ainda o BFE, a AJEP, BNU e a FLAD.

J.M.V.

Cofaco prepara África

O grupo açoriano Cofaco vai investir cerca de seis milhões de contos em novas fábricas conservadoras e aquisição de arrastões enquanto prepara uma estratégia integrada para África.

No domínio dos investimentos, a Cofaco vai aplicar 1,6 milhões de contos na construção de uma nova unidade na Ilha de S. Miguel que se dedicará exclusivamente ao atum, a que se juntarão mais 300 mil contos na adequação e ampliação da sua unidade da ilha do Pico.

No Continente, a empresa pesqueira iniciou esta semana a construção de uma nova fábrica na Figueira da Foz que substituirá a existente. O investimento ronda os 700 mil contos. Também na Madeira através da sua associada Comada, o grupo vai construir uma nova fábrica para substituir a existente na ilha e que envolverá um investimento de 670 mil contos. A unidade da Figueira da Foz é a única que não se dedicará exclusivamente ao atum ou à cavala, produzindo também sardinhas e lulas de conserva.

Este plano de expansão deverá estar concluído até ao fim do próximo ano, altura em que a Cofaco prevê ter já a operar alguns dos 10 arrastões com que deverá enriquecer a sua frota até 1995. Só em barcos fabricados em fibra de vidro e com equipamento tecnologicamente avançado por uma associada do grupo o investimento em quatro anos será de cinco milhões de contos.

Hiper nos Açores

A estratégia para África está centrada numa empresa constituída para o efeito - a Cogedipa - que está atenta a todas as privatizações que no domínio das conservas de atum possam verificar-se em Angola explicou ao Semanário uma fonte da empresa. A Cogedipa renovou recentemente, com o Estado moçambicano, o contrato de

gestão das fábricas de conservas do Índico, na Beira, que depois de algumas dificuldades de abastecimento tem apresentado um desenvolvimento promissor admitindo a Cofaco que a curto prazo a empresa possa exportar para mercados vizinhos.

Ainda nos PALOP's, a Cogedipa tentará regressar a Cabo Verde, depois de uma experiência há alguns anos não totalmente feliz.

Apesar de recentemente ter assumido a totalidade do capital da Cereda, a distribuidora das suas conservas no mercado interno, a Cofaco decidiu constituir uma nova empresa nessa área, a Cepecil.

"A intenção é em breve lançar novas marcas através desta nova associada que permita o escoamento das produções acrescidas com a entrada em funcionamento de novas fábricas" - acrescentou a mesma fonte.

A Cepecil assumir-se-á, assim, como uma concorrente da Coresa e em breve fará o lançamento no mercado das suas próprias marcas. Presente em todos os sectores do circuito da actividade pesqueira, a Cofaco tem ainda em projecto a construção de um hipermercado em Ponta Delgada, em associação com um partner local e possivelmente, a Sonae.

Depois de ter tomado uma posição de controlo na fábrica de bolachas Sena, na Amadora, a aposta na distribuição alimentar (através de um hiper e um cash and carry) é mais um passo na sua estratégia de diversificação. Terreno em Ponta Delgada já existe, um parceiro do negócio - Nicolau de Sousa Lima, Lda - também. "É um investimento muito elevado, ainda está em projecto mas é seguramente, para arrancar para o próximo ano" - explicou o responsável da Cofaco que confirmou a existência de contactos exploratórios com a Sonae, tendo em vista uma associação na construção e gestão do hipermercado.

Televisões cooperam pela saúde pública

CAMPANHAS publicitárias destinadas a televisões e rádios de países africanos e sul-americanos, entre outros, para auxiliarem a população na prevenção de doenças causadoras de altas taxas de mortalidade são uma das iniciativas da Universidade Radiofónica e Televisiva Internacional (URTI), entidade sob os auspícios da UNESCO, que agrega meia centena de organismos.

Esta acção preventiva no campo da saúde pública, cujos contornos serão traçados num seminário a realizar em Lisboa no princípio de 1992, conta com o apoio técnico da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Instituto de Medicina Tropical, disse ao EXPRESSO Carlos Pinto Coelho, presidente do Comité Norte-Sul da URTI. Aquele instituto português de investigação é um dos mais reputados no plano internacional, com uma história de quatro séculos no combate a doenças tropicais.

A marcação do seminário será feita na segunda-feira, na capital portuguesa, durante uma reunião do Comité Norte-Sul. Desidratação, cólera, diarreia, malária ou

sida são algumas das doenças alvo dos «spots» publicitários, para cuja produção as TV e rádios dos países pobres do Sul contam com a experiência e o «know how» das suas congéneres do Norte.

A cólera, por exemplo, não cessa de fazer mais vítimas. Segundo os mais recentes dados da OMS, em África estão registados cerca de 100 mil casos, com mais de 10 mil mortos; na América Latina, foram contagiadas 300 mil pessoas, das quais morreram cerca de 3200.

Existente há mais de meio século, a URTI, agregando «as TV e rádios menos ricas do mundo» e ainda universidades com centros audiovisuais, dispõe de um fundo de programas — sobretudo documentários culturais e informativos — alimentado pela contribuição dos seus membros.

A RTP e a RDP estarão presentes na reunião, em que participam ainda as televisões FR3 (França), RAI (Itália), RTBF (Bélgica), TVE (Espanha), TDM (Macau) e de Moçambique, Camarões, Argélia, Cuba ou Gabão, entre outros; além de responsáveis portugueses da área da Cooperação.

Icep forma quadros nos Palop

O ICEP está a desenvolver um intenso programa de formação de técnicos oriundos dos países africanos de expressão portuguesa, na sequência de acordos bilaterais estabelecidos com departamentos governamentais dos cinco países africanos lusófonos.

Em 1990, 328 quadros africanos receberam formação sobre comércio internacional, prevendo-se que este ano o número de formandos envolvidos ultrapasse as quatro centenas.

EXPRESSO, SEXTA-FEIRA 4 DE OUTUBRO DE 1991

'Joint-venture' em hotéis

OS HOTÉIS Village Cascais e Vila-moura Marinotel deverão integrar, a partir do próximo ano, a Estoril-Sol Ocidental Hotéis, uma «joint-venture» luso-espanhola recentemente constituída. A nova empresa, que por enquanto faz a exploração dos hotéis Estoril-Sol e do Guincho, tem por objectivo a formação de uma cadeia hoteleira de raiz portuguesa com vocação internacional. Além de Portu-



gal, os países da África lusófona, Brasil e Macau vão ser os mercados preferidos por este grupo, que vai apostar nas unidades de quatro e cinco estrelas.

A Ocidental Hoteles, o parceiro espanhol da Estoril-Sol na nova empresa, dispõe, nos dez países onde está presente, de seis mil camas em hotéis de cinco estrelas e de 6.800 em unidades de quatro estrelas.



Encontro no Brasil

Literatura de PALOP gera uma associação

A CRIAÇÃO de uma Associação Brasileira de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa foi um dos resultados mais importantes do primeiro encontro de docentes da matéria, realizado na Universidade Fluminense, em Niterói.

O encontro, que decorreu na semana passada, teve a participação de cinco escritores angolanos e de professores de 22 universidades do Brasil, de França e de Portugal.

Em declarações à Lusa, o escritor Manuel Rui Monteiro destacou a importância de uma entidade do género para a própria divulgação das literaturas em causa no Brasil.

O autor de *Quem me Dera Ser Onda* e *Crónica do Mujimbo* manifestou a sua admiração pelo nível do estudo

académico num país onde não circulam edições de livros dos países africanos de língua portuguesa e cuja divulgação se baseia em «mecanismos de expediente voluntarista», como a importação de exemplares através de amigos e a sua disseminação através de fotocópias.

A associação poderá servir de intermediário entre produtores das literaturas africanas de língua portuguesa e agentes do mercado livreiro do Brasil, levando à importação de exemplares e até mesmo à publicação de livros dos «Cinco» neste país.

Os organizadores lamentam que as literaturas africanas de expressão portuguesa ainda tenham um estatuto de «apêndice» à disciplina de Língua Portuguesa nas universidades do Brasil.

Literaturas africanas no Brasil

A CRIAÇÃO de uma associação brasileira de professores de literaturas africanas de língua portuguesa foi um dos resultados mais importantes do 1º encontro de docentes da matéria, realizado na Universidade Fluminense, em Niterói. O encontro, que decorreu na passada semana, teve a participação de cinco escritores angolanos e de professores de 22 universidades do Brasil, França e Portugal. O escritor angolano Manuel Rui Monteiro destacou a importância de uma entidade do género na divulgação das literaturas africanas no Brasil. ■

EXPRESSO, SEXTA-FEIRA 4 DE OUTUBRO DE 1991

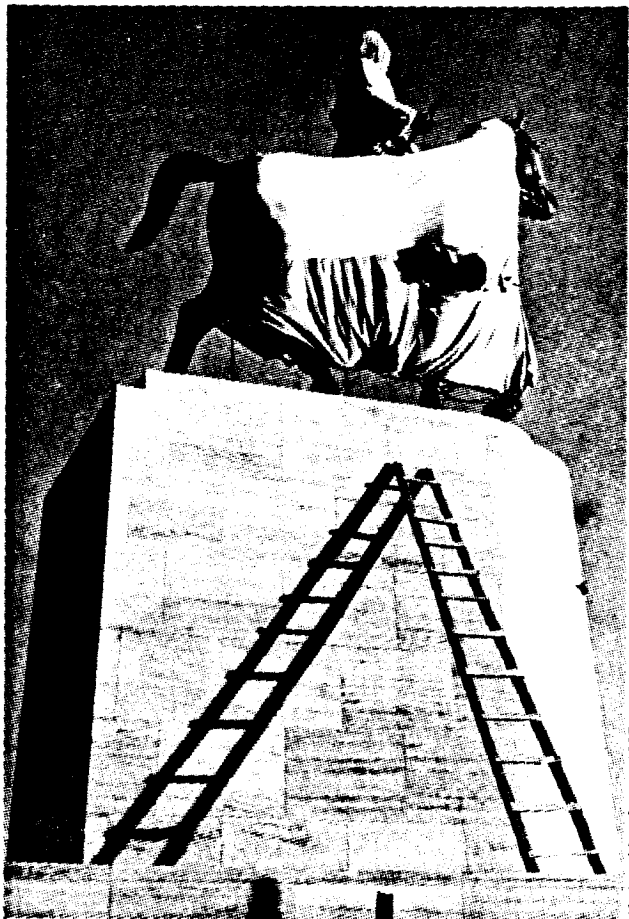
Coimbra: Encontros em Novembro

AS FOTOGRAFIAS vão voltar a Coimbra. Após o intervalo de 1990, regressam os Encontros, lugar decisivo, ao longo da década de 80, da divulgação da fotografia internacional e de alguns inícios de carreiras portuguesas. As datas estão fixadas: de 9 a 24 de Novembro. O programa está em vias de conclusão, e é já possível revelar algumas direcções principais.

Duas retrospectivas de Lartigue e Cartier-Bresson estarão no centro das atenções, tal como a mostra de Herbert List (1930-1970) apresentada pelo Instituto Goeth — naturalmente acompanhadas por exposições representativas da criação fotográfica mais recente (Fotografia subjectiva alemã; o belga André Jasinski, apresentado pela Contretype, etc.). Por outro lado, a fotografia portuguesa ocupará um lugar de destaque: do pioneiro Cunha Morais ver-se-ão cerca de 50 fotografias realizadas em Angola, em 1870, pertencente à colecção de Nicolas Monti; uma produção dos Encontros estabelecerá um confronto com a África actual — Maças de Carvalho foi fotografar a Guiné —, expondo-se ainda fotografias feitas em Moçambique por Pepe Diniz. Outros nomes presentes serão os de Luís Pavão e Sérgio Mah. Parte da colecção de fotografia da SEC deverá também ser mostrada, pela primeira vez depois da sua apresentação inicial em Lisboa.

Durante os Encontros será apresentada em estreia uma série de «photo-romans» (filmes realizados por fotógrafos) de que a RTP foi co-produtora. Entre eles encontra-se um trabalho de Paulo Nozolino realizado em Barcelona sobre um argumento de Vasquez Montalban.

Para a edição de 1991, a 11ª, Albano Silva Pereira e os Encontros de Coimbra contaram com um importante subsídio da SEC (15 mil contos, que atendem também ao défice do CEF agravado pela interrupção do ano anterior, às iniciativas de celebração dos 700 anos da Universidade), para além dos patrocínios da Gulbenkian, da Câmara de Coimbra, da Aliança Seguradora e da Caixa Geral dos Depósitos.



Herbert List, Atenas 1937

Africa The unwritten page

THE AFRICAN EXPERIENCE. By Roland Oliver. Weidenfeld & Nicolson; 284 pages; £19.99

THE site is "ugly, steep, desolate, stony and hot". Olduvai gorge has changed since tool-making men first imposed their superiority there upon the other animals. But their descendants still find the African continent a pretty inhospitable place. Roland Oliver knows more than anybody about what happened there in the intervening 1.8m years. The monument of his scholarship is the "Cambridge History of Africa" which he edited, in eight volumes, with J.D. Fage. Now, in retirement, he has condensed his wisdom in a book that is both graceful and comprehensive.

It is also slim, for there is startlingly little history in Africa. The chief reason is obvious: nobody could write it down until literate monotheists arrived from the north, selecting the oral history they wanted to hear from their converts and collaborators.

North of the Sahara, to be sure, the records are as full as, and older than, those of any part of the world. But the story of the Mediterranean cultures and the peoples to their south tells mostly of predation. Pre-Dynastic Egyptian pots portray black people as pinioned captives, not as *Gastarbeiter*. No other peoples have been so exploited, and exported, by outsiders.

Europeans shipped out many more slaves than anybody else, but they did not

begin the trade. Domestic slavery was common in ancient Africa. When, in the 15th century, the Portuguese began to sail along the coasts, they met established local dealers, keen to sell off their surpluses and to get more. In exchange for slaves, the Iberians brought the resources for Africa's first transformation. They introduced storable food-crops—maize and cassava, the African staples—from the almost equally new-found Americas. Africans took to them fast; well-fed, they increased faster than they were depleted by the export of their enslaved brothers and sisters.

Building, almost everywhere, was of timber or clay. Metal, discovered early, was too precious to discard; it was melted down and used again, leaving nothing for the archaeologist. So the story of man in Africa must be deduced mainly from shifts in the myriad languages that the isolated family groups developed, and which still divide Africans from their neighbours. Pre-invasion civilisations existed, to be sure, at Nok or, much later, around Great Zimbabwe. But the relics there are trifling by the standards of the American civilisations which Europeans began smashing up around the same time that they got to work on Africa.

And it was outsiders who brought about the biggest change of all, only just outside living memory. In 1900 there were fewer than 100m black Africans. The rival colonists of Europe's rough scramble for the continent introduced money and markets and peace and rural roads, then schools and medicine and piped water. Today there are at least 450m Africans. By 2030 (barring a catastrophe, which may be AIDS) there will be more than three times as many. The empty spaces will fill up, the wild creatures die away. Africans must quickly learn new patterns of production and of social organisation, without which they will go on get-

ting poorer and more numerous still.

Professor Oliver, braver as well as wiser than most historians, carries his story right through to now, and to the political revolution that is speeding across the continent from Algiers to the Cape. A quarter of a century ago, the departing colonisers bequeathed to their successors the damaging belief that governments not only should but could run every detail of national economies. Now, in the guise of aid agencies and multilateral banks, they seek to rectify the consequences of that bad advice by a rival panacea, called "structural adjustment". But foreigners can do little to help promote the social adjustment without which economic reforms probably will not work.

Nothing in this book will give comfort to those who want a past for Africa. What Africa has is a future, and only those who live there can determine it. Professor Oliver knows that, and wishes them well.

EXPRESSO, SEXTA-FEIRA 4 DE OUTUBRO DE 1991

Eva africana, Adão chinês

O JARDIM do paraíso era afinal em África e, a acreditar numa recente teoria, foi neste continente que Eva fez comer a Adão a maçã dos nossos pecados. Segundo o professor Allan Wilson da Universidade de Berkeley, já falecido, há evidências de que toda a espécie humana descende de um ancestral comum africano — uma mulher que viveu há 200 mil anos e cujos «filhos» se disseminaram depois pela face da Terra, substituindo as espécies primitivas então existentes. Foi o início do reino do «homo sapiens». Até agora admitia-se que as espécies anteriores menos evoluídas — primeiro o «homo habilis» e depois o «homo erectus» — tinham surgido

em África, sim, mas depois ter-se-iam espalhado pelos continentes e dado origem em diferentes lugares ao «sapiens».

A conclusão, polémica, foi feita com base num estudo comparativo do ADN, repositório humano da informação genética, mas não explica a razão da existência de um Adão chinês, com a sua característica face achatada. Tal fóssil, um «homo erectus» que viviu há 1,25 milhões de anos na China levou agora o professor Milford Wolpoff, também americano, a perguntar: «será que os africanos herdaram a face chinesa?». Não parece provável. A menos que tenham saído ao pai.

O BANCO de Fomento e Exterior assinou um acordo com a Sociedade Financeira Internacional (entidade pertencente ao Banco Mundial) que se especializou no apoio ao sector privado, para aumentar o capital social do APDF-African Project Development Facility. Este instrumento financeiro internacional dirige-se a empresários africanos de países localizados a sul do Saara.

BFE apoia empresas em África

O BANCO de Fomento e Exterior (BFE) acaba de participar no segundo aumento de capital da APDF-African Project Development Facility, um instrumento da Sociedade Financeira Internacional pertencente ao Grupo do Banco Mundial. Os recursos postos à disposição da SFI pelo BFE, num montante de 400 mil dólares (cerca de 56 mil contos), vão ser utilizados em trabalhos a realizar por empresas portuguesas de consultoria junto de empresas da África Austral, nomeadamente de Angola e Moçambique.

A APDF dirige-se a empresários africanos de países localizados ao sul do Sara, que pretendem estudar o lançamento de novos projectos industriais ou modernizar as suas unidades.